Mudança de hábito pra lá de radical

Jornalista que trocou vida agitada pela paz de mosteiro decide vender todos os seus bens e doar o dinheiro arrecadado

João Luiz Marcondes
Da equipe do **Correio**

Arcelina é uma daquelas raras pessoas que não precisa de bens mundanos para ser feliz. Coisas como aparelho de som, televisão, casa mobiliada, vida à dois, ir ao barzinho no final de semana. Com 56 anos, ela, que é repórter com passagens por dois jornalões da imprensa brasileira (*Jornal do Brasil e Estado de São Paulo*), deixou essa realidade para trás. Desde agosto do ano passado, mora no Mosteiro da Anunciação, na cidade de Goiás, numa vida de retiro, preces, meditações e silêncio.

No próximo domingo de Páscoa, ela parte para uma nova fase do projeto de vida que escolheu para si: peregrinar pelos cinco continentes se inserindo entre populações pobres de diferentes religiões. Na África, ficará no meio de presbiterianos, anglicanos, católicos, adeptos de religiões tribais e islâmicos. Em países como Angola, Quênia, Senegal, África do Sul e Líbano.

A decisão mais radical, no momento, foi se desfazer de bens que juntou durante uma vida inteira, móveis e obras de arte, recordações de viagens a mais de 50 países. Todo o mobiliário de sua casa, no Lago Norte, será vendido nos próximos dias 15, 16 e 17 de abril, em um bazar na SHIN QL 02, conjunto 10, casa 12.

Entre as bugigangas multinacionais figuram obras de artistas famosos. Um óleo sobre seda de Hélio Oiticica (US$ 6 mil), um óleo sobre tela de Poteiro (R$ 1.800), um óleo sobre tecido de Cláudio Tozzi (R$ 6 mil). "Mas vai ter muita coisa de um real também", avisa Arcelina Helena Publio Dias. Em apenas uma parede da casa estão pendurados objetos da Rússia, Bolívia, Angola, Nigéria e até da Bahia.

Toda a renda será usada na viagem, certo? Não. A jornalista, que agora se dedica a escrever livros sobre suas peregrinações, resolveu doar todo o dinheiro que conseguir. A renda vai para a Comunidade Terapêutica Senhor Jesus, uma instituição filantrópica que cuida da reabilitação de dependentes químicos vindos de famílias carentes.

"Pretendo salvar algumas vidas", diz ela, que, infelizmente, acabou vendo o filho único morrer por conta da dependência de drogas químicas, há dois anos e meio. Pedro, que tinha 20 anos, morreu afogado no Lago Paranoá. No dia do precoce enterro, Arcelina fez questão de dizer aos presentes: "Ninguém duvide do amor de Deus por Pedro e por todos". E, hoje, completa: "Foi uma frase inspirada. Quando uma mãe enterra um filho, é quebrada a ordem natural das coisas. É algo muito difícil. Uma coisa que marca."

Arcelina continua católica, como sempre foi desde pequena, mas agora cultiva uma paixão especial pelo ecumenismo, nada mais do que a convivência pacífica entre todas as religiões. Por isso escolheu o Mosteiro Beneditino de Goiás, aberto à prática, para viver nos últimos meses.

A peça que a mantém ligada ao mundo materialista é o computador, um lap top, em que escreve seus livros, troca e-mails, e navega, ocasionalmente, pela Internet. Acorda às cinco da manhã, para um dia de preces e atividades comunitárias que só termina às nove da noite, hora do silêncio absoluto.

Paulo de Araújo

Arcelina: venda de móveis e obras de arte para ajudar instituição beneficente que cuida de jovens drogados

A vida com um salário mínimo

Arcelina passou 15 anos de sua vida em dois casamentos, redações de jornais, dando aulas na Universidade de Brasília. E não imagina retomar a vida a dois algum dia. "Escolhi o caminho, na Terra, mais perto de Deus. Abdiquei do resto", relata. "A vida monástica é viver essa paixão com Deus."

Além dos mosteiros, a jornalista passará boa parte de seu tempo com pessoas necessitadas de várias nacionalidades. O "vestibular" para esse tipo de vida foi relatado no livro *A Crônica do Salário Mínimo*, quando ela passou um mês, em Belo Horizonte, vivendo com o piso salarial do trabalhador brasileiro. Descolou um emprego de porteira e um quartinho para morar. "E, olha que não conhecia ninguém na cidade."

Dentre suas peregrinações, já passou pela América Latina. O livro sobre o relato da viagem ainda será lançado, pela Editora Vozes. Em 1995, Arcelina pululou por vários cantos da região. Esteve no estado de Chiapas (onde estão os zapatistas), no México, com 12 mil índios que foram expulsos das terras deles e haviam sido deslocados para zonas áridas, improdutivas.

Na República Dominicana, conviveu com negros haitianos que buscavam naquele país, também pobre, oportunidades melhores de viver e acabavam em regime de semi-escravidão. Na fronteira dos Estados Unidos com o México, na cidade de Tijuana, procurou conhecer as razões de um povo que não via outra oportunidade senão deixar a terra natal rumo à terra do consumismo. "O liberalismo só serve para o branco", conclui ela, que se considera feminista. "Estive em Paris em 1968 e joguei o sutiã fora. Defendo as minorias e as mulheres estão entre elas."